

3x TRÊS POR QUATRO

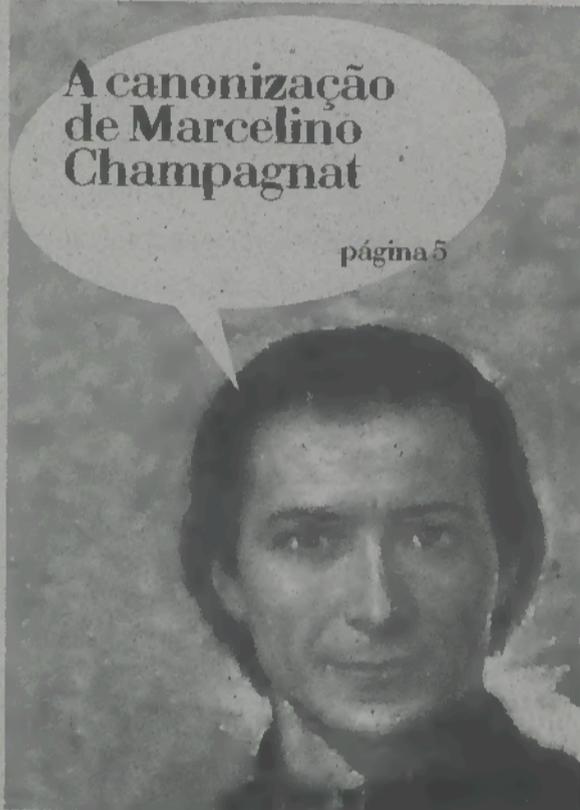
Jornal Laboratório da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS - 1999/1

Porto Alegre, Junho de 1999 - Distribuição Gratuita - Tiragem: 1000 exemplares

Nesta Edição:

A canonização
de Marcelino
Champagnat

página 5



Anoite da
Farrapos

página central



Terra
Repatriada

página 3



Pirataria Cultural

página 8



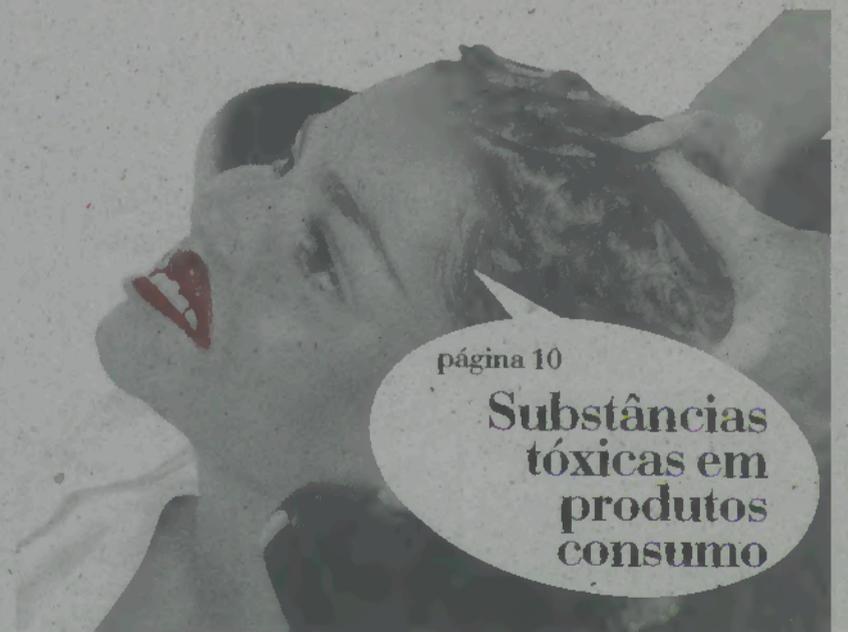
O Perfil do
Terapeuta dos
Excepcionais

página 9



página 10

Substâncias
tóxicas em
produtos
consumo



Editorial

O jornal que você está segurando agora é o mesmo que você leu no semestre passado e que sai todos os semestres: o 3x4. Evidentemente, a edição não é a mesma. Só que — incrível! — mudamos todo o corpo editorial! Quero ver se a Zero Hora é capaz de fazer isso uma vez por semestre! (Nada contra a Zero Hora, o que gostaríamos que ficasse claro é que o 3x4 não pertence à categoria da Grande Imprensa Diária, como você também já deve ter percebido, caro leitor, até porque de diários nada temos e a nossa tiragem é pra lá de limitada.) O único que ficou do semestre passado foi o orientador da disciplina de Redação Jornalística IV, o Carlos Leite, que deve ser responsabilizado por todos os eventuais equívocos existentes neste jornal. Repórteres, fotógrafos, diagramadores, revisores e editores nada têm a ver com isso.

Com tudo isso gostaríamos de dizer que este jornal que você está segurando é mais do que um tablóide de oito páginas que sai (quando sai) duas vezes por semestre, no máximo. Na verdade, se você olhar bem, verá que ele é um tablóide de doze páginas. Mas ele é também o resultado de dois

meses de trabalho, e mais, é o resultado de três anos de faculdade. Em outras palavras: juntando disciplinas como Fundamentos de Rádio, Redação Jornalística I, II e III, Técnicas de Telejornalismo, Fundamentos de Jornalismo Gráfico, pra citar só algumas, e batendo no liquidificador, dá nisto, no 3x4.

Mas também não é só isso. Este jornal que você tem em mãos, caro leitor, é também uma tentativa de fugir da receita de bolo da Grande Imprensa Diária. Seguir a receita é sempre a opção mais fácil, uma vez que ela já começa a ser ensinada na primeira disciplina de redação jornalística. Difícil mesmo, e isso ficou bem claro pra nós, é ir além do que dizem os manuais de redação. Enfim, a proposta é esta, independente do resultado. Estamos abertos às críticas e aceitaremos suas sugestões, mas não demore muito, porque agora, enquanto você está lendo este jornal, é provável que estejamos fechando a segunda edição do 3x4 deste semestre. No mais, era isso. Esperamos que sua leitura seja um momento de grande prazer e gozo intenso. Daqui a dois meses tem mais.

Pesquisa ou Indução

daniela cunha

Desde o início deste ano, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul tem realizado pesquisas em parceria com a RBS. Nos dias 8 e 9 de abril, o Centro de Estudos e Pesquisas em Administração (Cepa) da UFRGS entrevistou 560 pessoas na capital e na Grande Porto Alegre sobre a vinda das montadoras Ford e GM para o Estado. O resultado da pesquisa, que foi publicado no jornal Zero Hora de 16 de abril, condiz com a posição política da empresa, mas coloca em dúvida a qualidade do trabalho da UFRGS ao apresentar questões simplificadas e ingênuas que auxiliam na manipulação dos entrevistados e dos leitores do jornal.

Uma pesquisa séria não poderia conter, entre as suas perguntas, questionamentos como: "O que você acha da instalação de grandes empresas para o RS?" ou "Você acha que a GM e a Ford têm condições de mudar para melhor a vida dos gaúchos?". Ambas provocam respostas óbvias e confundem o entrevistado. Afinal, independente de posições políticas, qualquer gaúcho deseja a instalação de grandes empresas no Rio Grande do Sul e sabe que a vinda de empresas de grande porte traz melhoria a todos. Entretanto, não é isso que está sendo negado pelo governador Olívio Dutra. Até mesmo ele responderia sim a essas questões. Essas perguntas,

feitas assim, acabam influenciando as respostas do restante do questionário. Esse é um dos cuidados fundamentais que se deve ter ao estruturar uma pesquisa. Colocada em primeiro lugar, a questão sobre a vinda das montadoras, que suscita a maioria de respostas favoráveis, tende a influenciar positivamente as respostas posteriores. As outras perguntas também são amplas o suficiente para produzir resultados pouco confiáveis.

Com índices muito favoráveis nessas duas perguntas (em torno de 90% dos entrevistados), o que representa a metade do questionário, Zero Hora pretende convencer os leitores de que o povo gaúcho quer a vinda das montadoras, independente das condições necessárias para que isso aconteça.

O Cepa deveria repensar seus métodos para não ser apenas mais um instrumento de persuasão à disposição de Zero Hora. Com isso, a UFRGS, uma instituição que enfrenta sua pior crise por culpa do governo federal, alia-se à Zero Hora e torna-se conivente com a manipulação que o jornal exerce. Por isso, a equipe do Cepa deve ter cuidado para que a Universidade não se torne incoerente ao defender uma política e apoiar outra tão distinta.

...a UFRGS, uma instituição que enfrenta sua pior crise por culpa do governo federal, alia-se à Zero Hora e torna-se conivente com a manipulação que o jornal exerce.

Expediente

TRÊS POR QUATRO

O Três x Quatro é o jornal laboratório produzido na disciplina Redação IV do curso de Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. Participaram desta edição: Alexandre Schossler, André Berquó, Angélica Freitas, Daniel Quevedo, Daniela Machado Madeira, Daniela Siqueira, Daniela Sobral Cunha, Eduardo Buss, Eduardo Lima Silva, Fabiano Burkhardt, Gustavo Cunha, Luciano Gallás, Maisa Del Frari, Marco Benites, Patricia Gondim, Taís Esteves.

Editor-Executivo
Fabiano Burkhardt

Editores
Angélica Freitas, Daniela Siqueira e
Marcelo Soares

Editor de Fotografia
Maisa Del Frari

Diagramação e Projeto Gráfico
André Berquó, Daniel Quevedo,
Eduardo Lima Silva

Revisores
Daniela Machado Madeira, Patricia
Gondim

Coordenação
Prof. Carlos Leite

Tiragem: 1.000 exemplares

Porto Alegre, junho de 1999.

Paraná abrigava pedaço do RS

marcelo soares

Getúlio Vargas pagou empréstimo com terras paranaenses

Borrazópolis é uma pequena cidade no centro do Paraná, a 442 quilômetros de Curitiba, com pouco mais de 10 mil habitantes e uma população comparável à do bairro Higienópolis, em Porto Alegre. O município tem mais ou menos o tamanho da área urbana da capital gaúcha. Até recentemente, 15,83 mil metros quadrados de seu território (cerca de um quarteirão) pertenciam ao Rio Grande do Sul. Em 27 de janeiro, essa terra despatriada foi doada à Apae do município. Mas como é que um estado tem terras fora de seu território? É comum isso?

Suzana Guatimozim, diretora de patrimônio da Secretaria de Administração e Recursos Humanos do Rio Grande do Sul, adianta que não. Imóveis, sim: há salas de escritórios de representação no Rio e Brasília. Mas apenas circunstâncias históricas especiais geram fenômenos como o que entregou um pedaço do Paraná ao Rio Grande do Sul. E os quinze hectares de Borrazópolis estão intimamente ligados a uma das mais marcantes circunstâncias históricas do século 20 no Brasil: a Revolução de 30 (ver box).

Antes de partir para a revolução, Vargas teria tomado um empréstimo no Banrisul ou no Banco da Província (atual Meridional) para manter seus soldados, conforme contou o prefeito Rodolfo Haider à diretora de patrimônio em janeiro, quando foi assinado o termo de



reprodução

Quarteirão perdido: Até recentemente, 15,83 mil metros quadrados do município de Borrazópolis, no Paraná, pertenciam ao Rio Grande do Sul

doação. O brasilianista Thomas Skidmore, contatado por e-mail, admite desconhecer a origem do financiamento a Vargas, mas acredita que provavelmente o empréstimo tenha sido negociado nos 30 dias que antecederam a movimentação de tropas. Especializado em história brasileira do século 20, mesmo tendo sido um dos primeiros a escrever uma

história da revolução de 30 baseada principalmente em fontes documentais, Skidmore diz nunca ter visto documento algum sobre o assunto.

Algum tempo após tomar posse, Vargas doou ao banco algumas terras devolutas como pagamento do empréstimo. Por acaso, elas ficavam no Paraná. O município de

Borrazópolis só passou a existir a partir de 1948, segundo a página da prefeitura na Internet. O nome, que causou estranheza à diretora de patrimônio do Estado, é uma homenagem a um dos primeiros proprietários da gleba da região, Francisco Borraz.

Pelos dados do IBGE, Borrazópolis tem crescido 0,44% ao ano na área urbana e diminuído 4,09% anualmente na área

rural. O aeroporto mais próximo é o de Londrina, a 106 quilômetros de distância. Tem 2.413 habitantes matriculados no ensino público e nenhum no particular. Em Porto Alegre, são 302.689 alunos em todos os níveis.

Seguindo a tendência nacional, o setor de serviços é responsável por 51% da economia da cidade, que tem PIB bruto de US\$ 12,6 milhões.

Saiba mais sobre a Revolução de 1930

Desde 1928, Getúlio Vargas era governador do Rio Grande do Sul. Em seu segundo ano de mandato, uma fraude na eleição presidencial acirrou os ânimos políticos no Brasil inteiro. O paulista Júlio Prestes, protegido do então presidente Washington Luís, havia sido conduzido ao Catete de forma um pouco mais fraudulenta do que o usual, quebrando a sucessão da política "café-com-leite". A posição do Rio Grande do Sul, representado

por Getúlio Vargas e pelo "patriarca" Borges de Medeiros era bastante nebulosa até 26 de julho de 1930. Neste dia o ex-candidato à vice-presidência, João Pessoa, foi morto na Paraíba.

"Os conspiradores indecisos no seio da oposição foram engolfados pela onda de indignação levantada pelos radicais, de maneira a criar uma atmosfera revolucionária", escreve o

brasilianista Thomas Skidmore em Brasil: de Getúlio a Castelo. "Foi organizado um quartel-general revolucionário, e a data da revolta foi marcada para 3 de outubro".

No Rio Grande, Vargas incentivava os gaúchos a pôr-se "de pé, pelo Brasil". Ao colocar-se em pé, o passo seguinte seria marchar para o Rio de Janeiro. Ficou famoso o episódio da amarra dos cavalos ao obelisco da avenida Rio Branco.

Alunos descobrem comunidades

tais esteves

Projeto Convivência leva estudantes às periferias

Muitos dos universitários não sabem, mas alguns de seus colegas, com vontade de ajudar as pessoas e conhecer as suas realidades, dedicaram alguns dias de suas vidas para participar de uma atividade comunitária diferenciada: um projeto denominado Convivência. Por ele já passaram cerca de 200 alunos das mais diversas áreas da UFRGS.

O Convivência é um dos projetos do Programa União, do Departamento de Educação e Desenvolvimento Social da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS, que coordena ações voltadas para a comunidade. Segundo a diretora do departamento, Malvina do Amaral Dorneles, ele tem uma característica diferenciada pois enquanto os demais projetos têm um continuidade para o seu desenvolvimento, o Convivência realiza-se num tempo pré-determinado, onde professores e alunos se deslocam até a entidade ou comunidade para vivenciar suas necessidades e trocar experiências. "A relação é educativa, os alunos não vão prestar um serviço, mas sim passar conhecimentos, discutir alternativas para que as pessoas tenham melhores condições de entenderem e resolverem seus problemas", afirma Malvina. O projeto Convivência atende comu-

nidades que têm dificuldade de acesso à universidade e que não são abrangidas por outros programas de extensão das faculdades. Ele existe desde 1996 e acontece sempre nas férias, normalmente com uma duração de 10 dias, em áreas rurais e urbanas. O aluno pode escolher o programa do qual vai participar. Em ambos, rural ou urbano, existe sempre um professor orientador que irá junto com os grupos para coordenar e acompanhar as atividades. Os grupos, em geral de 10 alunos de cursos diversos como veterinária, medicina, sociologia, pedagogia, comunicação, entre outros, desenvolvem atividades interdisciplinares e integradas, focalizando as áreas da saúde, produção e educação. Ainda neste ano devem ser incluídas as áreas da comunicação e o direito. O Convivência urbano é feito em vilas e periferias da cidade enquanto o rural é realizado em assentamentos do MST, em escolas técnico-agrícolas e agora também com pequenos proprietários rurais ligados a sindicatos.



reprodução
Experimentando: Arenhaldt (C), junto com uma família atendida pelo Projeto, num assentamento

Rafael Arenhaldt, do curso de Pós-graduação em Pedagogia, é um dos alunos que já fez parte de vários Convivências rurais. Através da experiência de colegas de curso tomou conhecimento do projeto mas seu interesse em participar se deu principalmente devido "à falta da prática ligada à teoria, a vontade de entender os problemas sociais das comunidades e o compromisso social do aluno de uma 'universidade pública'", afirma.

Uma característica importante é o caráter educativo do Convivência, já que a preocupação da universidade é levar o conhecimento acadêmico à comunidade para que a população se desenvolva, mas compreendendo o conhecimento popular. Quando participou do Convivência, Arenhaldt aprendeu e compreendeu a frase dita por um professor sobre a importância de "usar os chinelos da comunidade" para auxiliá-la.

No dia-a-dia, as atividades desenvolvidas pelos alunos vão depender do interesse e das necessidades das pessoas. "Se

num assentamento eles têm interesse em produção de leite, os alunos da veterinária vão tratar disso", exemplifica Arenhaldt. Ele cita o caso de um assentamento que não tinha escola, o que é da competência do Estado ou do Município, mas onde o projeto pôde auxiliar as pessoas a se articular com o poder público local. "O tempo é curto para ações a longo prazo, mas sabemos que plantamos uma raiz e ela poderá crescer".

Educação ambiental é um projeto para todos

marco benites

Uma iniciativa que muda a vida nas escolas gaúchas

A Educação Ambiental se dá nas pequenas coisas que fazem o nosso dia a dia. Investir nas crianças é acreditar numa vida melhor. Nesta linha de trabalho, as coordenadoras do Projeto de Educação Ambiental do Pró-Guaíba, Stela Gayer, Christina Gesele e Sheila Bertoluci levam a frente, junto a quatorze escolas-pólo espalhadas no Rio Grande do Sul, um megaprojeto de valorização da consciência e da preservação do meio ambiente, integrando a comunidade escolar com os demais segmentos da sociedade. Um projeto que desencadeia a conscientização das comunidades junto aos dez municípios-pólos que integram este projeto. O módulo I do Projeto de Educação Ambiental do Programa Pró-Guaíba é uma experiência piloto que tem a finalidade de

obter subsídios para um trabalho posterior em Educação Ambiental.

Ao trabalhar as questões ambientais, tanto seus problemas como suas potencialidades, as escolas inserem em seus currículos a idéia multidisciplinar, ou seja, tratar a educação ambiental em todas as áreas de conhecimento. Este trabalho vem sendo desenvolvido por 14 escolas estaduais de educação básica na área da bacia hidrográfica do Guaíba, com realidades sócio-econômico-culturais e ambientais distintas. A proposta é produzir um guia Didático Pedagógico de Educação Ambiental, com o apoio das escolas desde a Educação Infantil até a 3ª série do ensino médio. Cada escola e município tem uma realidade ambiental,

por isso não existe uma receita, e cada professor se torna um agente em potencial que identifica junto aos seus alunos a realidade ambiental existente. Mas o projeto não se restringe somente à escola. Uma Comissão Ambiental composta pela população, por organizações não governamentais (ONGs), a prefeitura, secretarias de educação, escolas particulares, instituições de ensino superior e as empresas se reúnem na escola e têm como objetivo auxiliar as escolas no desenvolvimento do um Projeto Ambiental atrelado a sua realidade. Para que todo este trabalho tenha uma orientação e organização, existe em cada escola-pólo, dois coordenadores com vinte horas semanais, destinados ao projeto. Os professores também estão sendo treinados

através de módulos, qualificando a informação dirigida em sala de aula e ampliando o interesse dos alunos em criar melhores condições de vida na escola e na comunidade em que vivem. Esta iniciativa está sendo levada a sério por todas as escolas participantes do projeto, pois segundo Stela Gayer, uma das coordenadoras do Projeto de Educação Ambiental, "não são só os hábitos das escolas que mudam mas sua aparência e conservação, fruto da autoconscientização". Não existe receita para preservar o meio ambiente, o importante é tentar despertar nos indivíduos uma sensibilidade maior, e assim conscientizar cada um da sua importância como cidadão atuante e mais capaz, conclui ela.

O dia em que Champagnat virou santo

daniela madeira

Dezoito de abril de 1999 foi uma data especial para os seguidores da congregação dos Irmãos Maristas. Neste dia, o padre Marcelino Champagnat, fundador da congregação, tornou-se santo, proclamado pelo Papa João Paulo II. A cerimônia ocorreu na Praça São Pedro, no Vaticano. E eu tive a oportunidade de estar lá.

Juntamente com outras 95 pessoas, entre leigos e religiosos, incluindo personalidades ilustres, como o Bispo de Santo Ângelo Estanislau Kreutz, embarquei em São Paulo com destino à Milão, às 14h45min do dia 15 de abril, no voo 673, da Alitalia. A viagem foi tranqüila. Os irmãos falavam alto, cantavam, rezavam e, principalmente, riam. Como nunca tinha feito contato com estes religiosos estava receosa da sua companhia, por achar que o clima iria estar por demais formal. Enganei-me.

No momento da aterrissagem os tripulantes foram saudados com palmas pelos religiosos que comemoraram o êxito da viagem. De Milão a Roma, outro voo. Desta vez foram menos de 30 minutos a bordo.

Do aeroporto Leonardo da Vinci, já em Roma, até o hotel Princess, onde ficamos hospedados, passamos pela Via Aurélia, rua construída por volta do ano 200 d.C.. Essa é uma das coisas mágicas vividas durante a viagem: a sensação incomparável de se estar em lugares com centenas de anos de história da civilização ocidental.

Roma divide-se em duas partes: a parte antiga, fundada entre sete colinas no ano de 753 a.C., e a parte moderna. Esta, apesar de ter uma cara mais familiar, com construções semelhantes as que existem no Brasil, também é capaz de despertar surpresas. Uma destas surpresas foi uma frase escrita com letras garrafais num

muro da parte nova de Roma: *la natura é la tua vita, difendila!*

Roma antiga, por ter um visual urbano totalmente diferente daquele ao qual estamos habituados a ver, possui um encanto especial. Sua beleza está nas largas ruas arborizadas, nos estreitos becos por onde passam carros e pedestres, nos incontáveis automóveis (que estão em todo o lugar, já que são dois milhões e meio para uma população de quatro milhões de pessoas) e, é claro, nos monumentos históricos e na arquitetura dos prédios. Segundo uma guia que acompanhou o grupo, mesmo as construções que sofrem reformas são obrigadas a permanecer com seu estilo original. Quanto às cores, é exigido que se mantenha sempre tons como o ocre, para não fugir ao padrão.

Na manhã de domingo, 18 de abril, fomos ao Vaticano para assistir à cerimônia de canonização do padre Champagnat. Com 44 hectares, o Vaticano é considerado o menor país do mundo. Tem cerca de mil habitantes fixos, e seu território é protegido por guardas que usam uni-

formes coloridos e bufantes, criados por Michelangelo.

A celebração ocorreu na Praça São Pedro, que fica em frente à basílica de mesmo nome, considerada o maior templo católico do mundo. Assim como inúmeros monumentos da cidade de Roma, também a basílica está sendo reformada. Por isso a fachada do prédio, que possui uma altura de 15 andares, não pôde ser apreciada, já que estava escondida atrás dos andaimes.

As fotos dos três religiosos que estavam sendo canonizados (junto com Champagnat, tornaram-se santos Agostinha Pietrantonio e João Calábria, ambos italianos) foram presas nos tapumes que cobriam a frente da basílica. Aproximadamente 12 mil pessoas saudaram a chegada do papa João Paulo II com gritos e aplausos. Essa era também a reação da multidão toda a vez que os nomes dos novos santos eram mencionados. A cerimônia terminou depois de duas horas e meia de preces, cantos e discurso papal.

Marcelino Champagnat nasceu em

1789, no pequeno povoado de Rosey, próximo à cidade de Lyon, na França. Trabalhou na educação cristã de crianças e jovens, e, em 1817, fundou o Instituto dos Irmãos Maristas, formado no início por jovens camponeses que seguiam seus passos. Foi canonizado após ter seu terceiro milagre reconhecido pela igreja católica. Os três feitos milagrosos do religioso estão ligados à cura de doentes.

Hoje a congregação tem aproximadamente cinco mil irmãos espalhados por 75 países. No Brasil, existem quase 500 irmãos, distribuídos em seis províncias, que respondem por escolas, estabelecimentos de ensino superior, rádios, editoras. Só no RS localizam-se duas destas províncias, uma em Santa Maria e outra em Porto Alegre.

Além de Roma, visitamos os locais onde Marcelino Champagnat nasceu e morou, nos arredores da cidade francesa de Lyon. Embora a razão da viagem fosse a canonização, o grupo não perdeu a oportunidade para conhecer um pouco dos lugares por onde andou.



Os devotos do Padre Marcelino Champagnat enfrentam a chuva em sinal de fé ao santo no dia de sua canonização.

daniela madeira

Farrapos: a avenida de todas as e

A Godiva da Farrapos não cansa

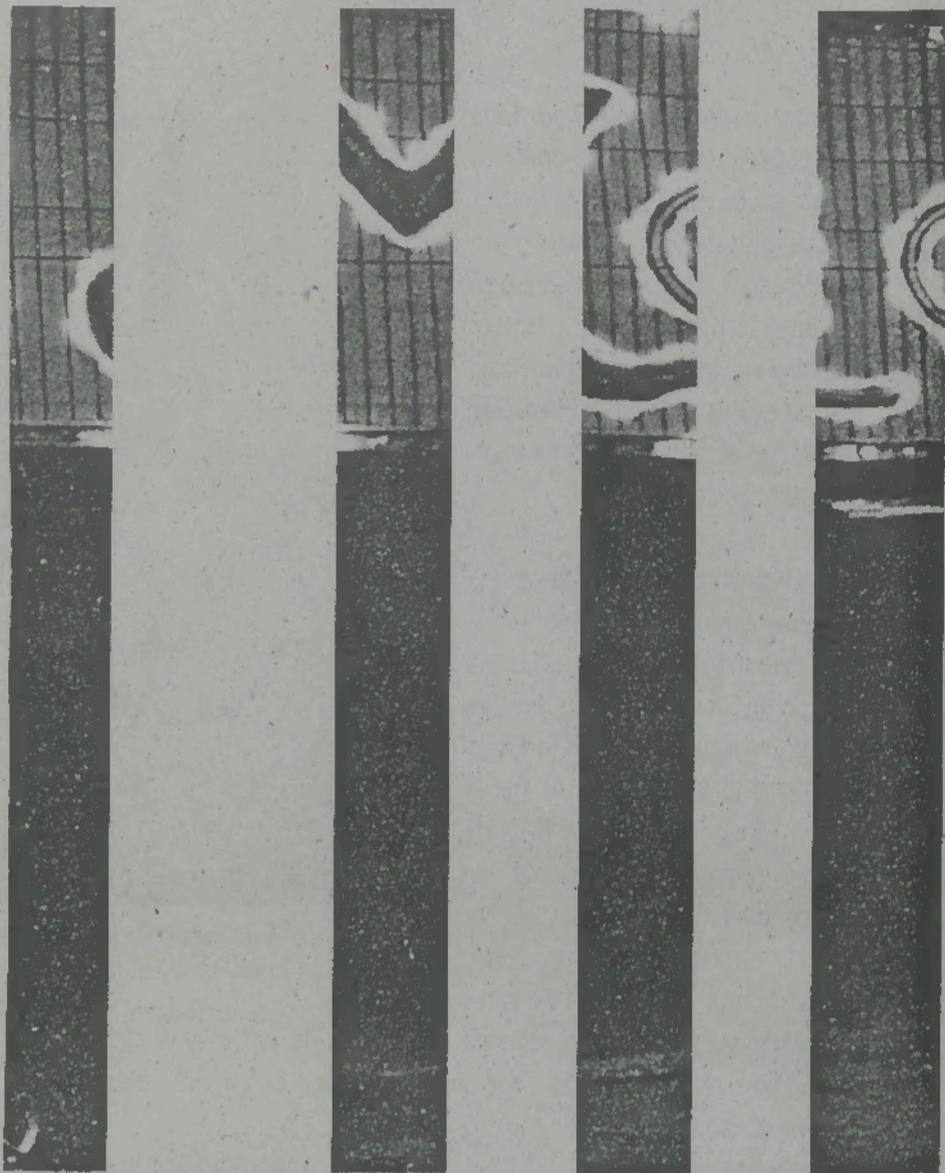
Quatro da tarde, feriado. Numa sala de um motel perto da Farrapos, esperávamos por Carla, uma garota de programa que havíamos conhecido na noite anterior. Ela tinha concordado em nos dar uma entrevista. Chega uma hora atrasada, com sacolas de compras, bem maquiada, bem vestida. Diz que se atrasou porque estava com a filha de quatro anos. Enquanto conversamos, Carla aproveita para deixar a manicure fazer suas unhas. Foi com um pé dentro de um balde amarelo, e com unhas voando para todos os lados, que ela nos mostrou por que é a mulher mais respeitada das redondezas. Com 24 anos de idade, dois como garota de programa, ela é a líder das mulheres que trabalham na esquina da Avenida Farrapos com a Rua Paraíba. Não é para menos. Foi ela quem acabou com o pedágio, uma espécie de aluguel da esquina, cobrado por mulheres já acostumadas a ganhar um dinheiro fácil. Carla botou todas elas para correr.

Todos a respeitam, do porteiro ao policial. Até mesmo os passantes. Antes que o arremesso de objetos se tornasse um esporte popular na Farrapos, Carla decidiu acabar com isso também. Certa vez, uma mulher lhe acertou uma maçã. Pegou a fruta e correu atrás do carro onde a engraçadinha estava. Alcançou-o na sinaleira. Como a janela continuava aberta, Carla só teve o trabalho de arremessar a maçã de volta, bem na cara da cidadã.

Carla começou a trabalhar na Farrapos quando o marido morreu em um acidente de moto. O motivo: falta de dinheiro. Agora chega a ganhar R\$ 500 por noite, fazendo em média dez programas. Isso não cansa? "Canso mesmo é de ficar parada." Gigolô não tem vez. Na cama ou fora dela, é Carla quem dita as regras. Alguns clientes reclamam: "Mas tu é meio dominadora, hein?", dizem. Linda e loura, exibindo suas unhas recém-pintadas, ela lembra



Girl power: Carla, 2 anos de Farrapos e já manda no pedaço



Durante o dia, poluída e barulhenta. À noite, a Farrapos se transforma

Kátia Flávia, a louraça provocante de Fausto Fawcett. Não tem outra: Carla é a Godiva da Farrapos.

NUNCA HOUVE UMA MULHER COMO RENATA

O bar do Serginho fica na Avenida Farrapos, ao lado da boate Tropical. Vai ficar na minha lembrança por um cartaz escrito a mão, que pouco antes rendeu um ótimo comentário da repórter que me acompanhava, Angélica Freitas: "Relaxa, Alexandre. Sente o clima: 'Temos Canja' do lugar". E pelo barraco que nós nem imaginávamos que iríamos presenciar.

Sentamo-nos numa mesa no fundo do bar, eu, a Angélica e a Renata, um transformista que conhecemos na Farrapos, mas cujo ponto de trabalho é na Voluntários da Pátria. Bastou Renata sacar de sua *necessaire* um

saco plástico cheio de camisinhas para o tempo fechar. O dono, irritado por sabe-se lá que conexão estabelecida entre nós três e os preservativos na mesa, expulsou todo mundo do bar. Não sem antes trocar, com Renata, algumas das mais ácidas, dolorosas e impublicáveis farpas que eu já ouvi.

A entrevista foi transferida para o bar Alvorada, onde o atendimento foi o oposto. Renata pediu uma fanta laranja. Nós ficamos com uma coca-cola. A primeira impressão que tive dela, ainda na Farrapos, foi a de uma caricatura grosseira de mulher. A peruca comprida, até a cintura, de fios negros encaracolados; o rosto pintado com uma base branca escondendo alguns fios de barba rala; a magreza e o jeito empolado de andar não ajudavam. Mas aos poucos a impressão inicial foi se

esquinas

Alexandre Schossler e Angélica Freitas



fotos: maisa del frari

transforma.

desfazendo, principalmente pela sinceridade das declarações.

Renata conta que se formou em Letras, na UFRGS, em 89. Deu aulas em um dos mais respeitados cursos de Inglês de Porto Alegre. No início da década foi para Londres, onde trabalhou como frentista. Um ano e dez meses depois a mãe que foi recebê-la no aeroporto tomou um susto por causa do cabelo, assim, "meio Siouxi and the Banshees". Carisada de Porto Alegre, foi para São Paulo. Lá se prostituiu pela primeira vez. Lá, também, pegou AIDS. Depois de um programa, um cliente pagou além do combinado e foi embora. Voltou pouco depois, para a alegria de Renata, que pensou que ele queria mais. Não era bem isso.

- Só queria te dizer que essa grana que eu te dei a mais nem vai dar pra

pagar os remédios.

DANIEL NA COVA DOS LEÕES

Daniel tinha trinta e tantos anos quando conheceu Sila, que tinha dezenove. Daniel era empresário e dono de seis lojas de calçados em Porto Alegre. Sila morava na Vila Farrapos. Daniel frequentava o Madrigal Três, numa época, 62, em que as casas noturnas que hoje estão na Farrapos se espalhavam pela Santo Antônio e Júlio de Castilhos. Sila era dançarina no Madrigal Três, e uma das garotas mais bonitas da casa.

Os filhos só notaram que havia algo de errado quando passaram a buscar Daniel, bêbado, já de manhã, na porta do Madrigal. Só resolveram fazer algo - afastar o pai do controle das empresas - depois de três lojas

terem fechado. O caso entre Daniel e Sila durou mais de quatro anos.

Teve fim quando, dez dias depois da morte da esposa, Daniel deu a Sila a caixa de jóias da mulher. Os filhos chamaram a polícia, que invadiu a casa onde a garota, e um amante, moravam, e recuperou parte das jóias. Sila não foi presa, mas o romance acabou.

Mas não a história. Alguns dias depois Daniel passou pelo Madrigal. Falou com o dono e o gerente. Pediu uma garrafa de fanta para fazer um Hi-Fi. Foi até a pensão onde Sila morava, na Garibaldi e, numa noite de chuva torrencial, diluiu um pacote de estricnina no refrigerante. Seu corpo foi encontrado em frente à casa da dançarina.

Sila morreu três anos depois, assassinada por um amante.

vai ver se eu estou lá na esquina

angélica freitas

Meninos, eu fui. Quando o Alexandre e eu decidimos nos aventurar pela noite de Farrapos, tínhamos uma única coisa em mente: diversão. Sim, porque de pautas chatas nós já estávamos cheios. Os benefícios da vitamina E podem render uma matéria muito útil, porém nós queremos mais: gás carbônico e cintas-liga. Neons e decadência. Amado Batista e Hunter S. Thompson.

Se a noite é uma criança, a da Farrapos já cresceu, não achou emprego e foi para a esquina. Mais realista é o Seu Celso, chefe de segurança da boate Golden 2000: a noite é para os mal-amedos. E eles vão aos bandos. Em Vectras e em Fuscas. Até a pé eles irão. Das seis às seis. Eu achava que iria encontrar gente amarga, burra e feia. O que achei foi gente. Tipos que sentam ao nosso lado no ônibus. Em quatro dias, a Farrapos se transformou diante dos meus olhos. Descobri que garotas de programa não mordem (algumas, nem que você peça). Que os bares conhecidos como "infernhos" são negócios como quaisquer outros. Que em alguns destes bares, até uma descabelada repórter do Três por Quatro é bem-vinda.

Para esta repórter, a Farrapos foi uma grande experiência. E eu estou pronta para outra

Piratária cultural

eduardo buss

Uma solução caseira

Nos últimos tempos, a indústria fonográfica vem sofrendo fortes abalos com a pirataria de CDs. Nessa modernidade digital, as velhas fitas cassetes são aposentadas e aparece o CD pirata, com qualidade igual à do CD original e por um preço cinco vezes menor. O vasto mercado de CDs piratas toma conta das ruas da cidade. Os grupos musicais mais populares são os alvos favoritos da pirataria.

Andando pelo centro da cidade, podemos encontrar piratas com boa produção, capa e ençarte. Esses CDs parecem feitos para enganar as pessoas, pois tentam passar por originais. No entanto, existe um outro tipo de pirataria que vem surgindo e cada vez mais ganhando força. Na sessão de informática dos classificados dos jornais podemos encontrar anúncios para gravação de CDs personalizados. Hoje, o computador possibilita a essas pessoas gravarem CDs de áudio, assim como CDs de dados.

O primeiro fato que demonstra a crise do mercado fonográfico é a quase total extinção das fitas cassete. Estima-se que 99% do mercado de fitas cassete existente hoje é composto por fitas piratas. Nos CDs, a pirataria deve ficar em torno de 20%. Essa explosão da pirataria fonográfica se explica pelas mudanças tecnológicas que vêm ocorrendo. Nos últimos anos, o equipamento necessário para se gravar um CD está se tornando cada vez mais barato.

No entanto, essas mudanças

tecnológicas parecem não terem atingido a indústria. O CD original está cada vez mais caro, beirando os vinte reais. Os importados, com a alta do dólar, passaram dos trinta reais. É injustificável um preço tão alto em produtos feitos com uma tecnologia que sabemos ser mais barata até mesmo do que a empregada para produzir os velhos discos de vinil. O computador pessoal, por exemplo, oferece uma alternativa barata ao CD: o CD-R, o CD gravável. Hoje em dia, pode-se comprar um gravador de CDs por aproximadamente 300 dólares.



Qualquer um que tiver este aparelho pode gravar um CD por algo em torno de quatro reais, que é o preço médio de um CD virgem. Um CD caseiro tem características diferenciadas dos CDs piratas que encontramos pelas ruas. Os CD-Rs normalmente tem 74 minutos de duração e isso muitas vezes nos permite gravar, até dois CDs em uma única cópia.

O computador também é responsável por outra dor de cabeça da indústria fonográfica. São as formas de compactação de áudio digital que estão começando a perturbar o mercado fonográfico. A



reproduções

mais popular delas é o formato mp3. Nesse formato, as músicas tem seu tamanho reduzido em até dez vezes sem perda na qualidade da áudio. Milhares de músicas podem ser encontradas na Internet neste formato. Os próprios músicos já estão ousando vender suas músicas pela internet, oferecendo um produto mais barato, dispensando os serviços de distribuição da gravadora e, com isso, ganhando mais dinheiro com as vendas.

A indústria fonográfica certamente continuará sofrendo com a pirataria cultural. Mas em toda esta jogada o que menos interessa é a cultura. Existe um antagonismo: de um lado está o negócio, o comércio; do outro, está a solução caseira e econômica. A cultura em si não está em discussão. A indústria fonográfica aprendeu direitinho todas as lições de Andy Warhol. A música é encarada sempre como um produto, não como arte. Assim, quando CDs piratas são apreendidos e incinerados, não estamos destruindo cultura, mas preservando os direitos do autor. Basta observarmos as leis que regem o mercado.

notas

Tramontina mineira

Os piratas de marcas ou de domínios estão atuando discretamente e registrando nomes virtuais de empresas brasileiras nos Estados Unidos. O caso mais recente é da empresa gaúcha, Tramontina, vítima de um "pirata mineiro", que registrou o endereço www.tramontina.com nos EUA. A gaúcha Marpa, Marca e Patentes já entrou em contato e está esperando que a empresa mineira se manifeste. Segundo a Marpa, para registrar um domínio, basta se cadastrar junto ao órgão competente americano e registrar o endereço desejado. Paga-se uma taxa e passa-se a ter direito sobre o domínio virtual.

Como piratear

A homepage www.geocities.com possui um link com informações de como fazer uma rádio pirata, ligações gratuitas em telefones públicos e grampo em telefone celular. Mas leia atentamente esta frase: "Não nos responsabilizamos pelo uso indevido destas informações. Tudo que você fizer com este material aqui contido, será plena responsabilidade sua. Estas informações são de caráter educativo".

Copa de 98

O comércio de artigos com o logotipo França 98, da Copa do Mundo, incluindo o mascote do torneio, inspirou inúmeros falsificadores ou 'piratas'. Só em Marselha, foram confiscados 21.566 produtos falsificados com valores estimados em aproximadamente US\$ 100 mil. A informação é dada pelo próprio governo francês. Chaveiros, bolas, bonés e camisas de diferentes times foram alguns dos objetos falsificados recolhidos.

Guerra à pirataria

A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) declarou guerra às empresas que "exploram indevidamente" a imagem da seleção. Depois de ganhar em primeira instância o processo contra a cervejaria Brahma, condenada a indenizar a entidade pela divulgação em 1994 de filmes publicitários inspirados na camisa da seleção, a CBF moverá outras ações por perdas e danos. Os alvos são marcas do porte da Pepsi Cola e lojas e camelôs que comercializam produtos pirateados.

Enigmas de um terapeuta

eduardo lima silva

Juarez Miranda trabalha com as pessoas que ninguém quer

"Chega uma certa fase que tu te tornas um pouco mítico e místico". Assim, o terapeuta Juarez Miranda, formado há 22 anos, tenta esclarecer o momento que vive. Ele é o diretor de atendimento a deficientes mentais no sul, norte e nordeste do Brasil, ligado à Previdência Social. Ou seja, cuida das pessoas pelas quais a sociedade não se interessa. Aqueles que, segundo ele, "não têm voz, não têm voto, não têm verba, não têm vez".

Ocupando esse cargo desde 1980, Miranda divide a semana, principalmente, entre assistência a 220 pacientes do Lar Santo Antônio, do Instituto de Amparo ao Excepcional (Inamex), do Hospital Santa Rita e da Casa do Menino Jesus de Praga; supervisão de 40 estagiários da área biomédica; e ensino na Universidade Luterana do Brasil (Ulbra).

Nessa rotina é que se manifesta o lado mítico. Enquanto estuda um caso com estagiários, ele orienta monitores, administra conflitos familiares de pacientes e ainda encontra espaço para fazer uma criança portadora de lesão neurológica sorrir. Sempre com respostas para as dúvidas das mais de 200 pessoas que coordena. Apesar disso, ele tem consciência de seus limites. "Se eu não tiver humildade, vou me quebrar lá na frente porque vou brincar de Deus".

Para provar isso, ele, que é mestre em problemas e patologias do desenvolvimento, não se constrange em lembrar erros e acertos. Seu maior orgulho é um menino, monitor no Lar Santo Antônio, que está no terceiro ano do curso de psicologia, mesmo sendo um neurolesionado capaz apenas de piscar e falar. Também no Lar, encontra-se um recorde nacional



eduardo lima e silva

Vidas com mais dignidade e alegria: Juarez Miranda (de cavanhaque) é o terapeuta de 220 excepcionais no RS, dando a eles a oportunidade de serem felizes, como os internos do Inamex

de sobrevivida: uma paciente com 37 anos de "vida com dignidade", como frisa o terapeuta.

Porém, Juarez Miranda, que desenvolve doutorado em próteses para amputados, também cita as vezes que sente ter falhado. É o caso de uma moça que há cerca de dez anos se suicidou. Ele havia iniciado o tratamento com ela e acredita que errou ao achar que a paciente estava enfrentando uma depressão profunda por ter perdido dois dedos da mão direita em um acidente automobilístico. O fato aconteceu após ela vencer um concurso de beleza. Uma frase do bilhete deixado pela paciente dizia: "no dia que eu ganhei como a moça mais bonita, Deus me tirou essa beleza, então, Deus não quer que eu viva". O terapeuta viveu uma situação desesperadora ao descobrir que eram os cortes no rosto que deprimiam a paciente.

Vontade respeitada

Ainda, há momentos que o certo e o errado perdem sentido. Com especialização na Alemanha em deficiência mental, Juarez Miranda é a favor da eutanásia e já a praticou por omissão consentida. "Eu conto isso hoje porque já prescreveu o crime", esclarece ele. Uma menina de 17 anos tinha o mesmo problema que o rapaz que cursa psicologia. Porém, ela quis morrer e teve sua vontade respeitada por Miranda e pela família. Ele lembra da conversa derradeira que tiveram: "Juarez, a última refeição que eu quero é um café com bolacha. Eu não quero mais viver porque esse corpo não é o meu". Três dias depois ela faleceu.

Enquanto uns possuem forças para

ir a universidade, outros desistem da vida. Isso, faz despertar o lado mítico de Juarez Miranda. Ele diz não ter religião, ou melhor, afirma ser da "religião do ser humano, da dignidade, do sorriso, do afeto". No entanto, acredita na existência de uma energia que vai além das suas capacidades. E conclui: "quando me perguntam quanto tempo uma criança vai durar, eu digo que a minha expectativa é 120 anos. Na verdade, eu gostaria de durar esse tempo para fazer tudo o que tenho que fazer. Como eu não vou durar isso, comecei a pensar que essa vida ainda é curta e que eu vou ter que voltar para continuar o meu trabalho". Dessa forma, ele vai tentando elucidar alguns de seus enigmas.

A Síntese do Mal

gustavo cunha

Presentes na fórmula de milhares de produtos, os organoclorados representam uma ameaça à saúde

Há algumas semanas, uma mensagem veiculada pela internet trouxe a notícia de que uma pesquisa, realizada pela Universidade da Pensilvânia, alertava para os perigos do Lauril Sulfato de Sódio (LSS), uma substância supostamente cancerígena, utilizada indiscriminadamente na fabricação de sabonetes e xampus. Alguns dias depois de as primeiras mensagens começarem a aparecer, constatou-se que se tratava apenas de mais um dos tantos trotes que infestam a rede mundial de computadores. A mensagem, entretanto, serve de alerta para o perigo dos organoclorados - de proporções muito maiores - denunciado por organizações não-governamentais (ONGs) e cientistas do mundo inteiro. Ao contrário do inocente Lauril Sulfato de Sódio, os organoclorados, produzidos em larga escala pela indústria química, são responsáveis pela contaminação não apenas dos xampus, mas também de pastas de dente, de embalagens plásticas, do papel branco dos livros e cadernos e até mesmo da água tratada que bebemos.

Organoclorado é a combinação de um ou mais átomos de cloro com um composto orgânico (carbono e hidrogênio, fundamentalmente).

O cloro é um sub-produto obtido em grande quantidade pela indústria

química, que o aproveita de maneira mais lucrativa possível. A substância é usada no tratamento da água potável, na fórmula de produtos de limpeza e remédios, na obtenção de papel branco etc. Há uma infinidade de utili-

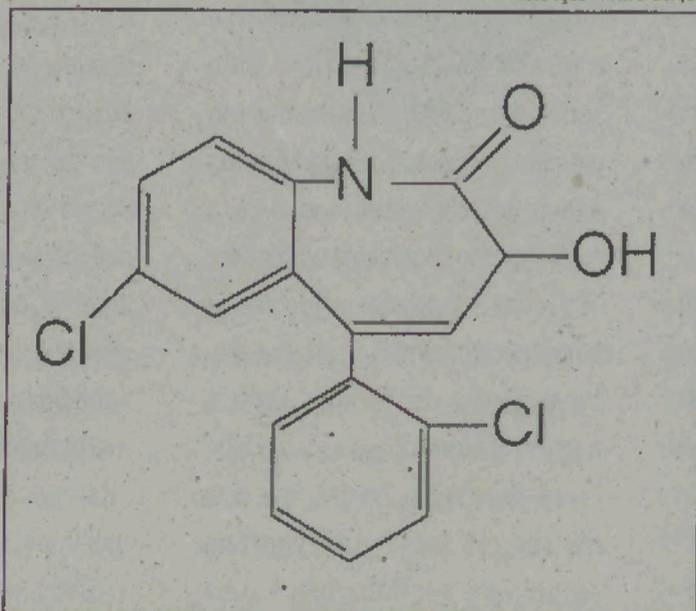
...presente na fórmula de aproximadamente 11 mil produtos registrados, é responsável, entre outras coisas, por disfunções nos sistemas reprodutivo, nervoso e imunológico.

zações e, na grande maioria delas, o cloro acaba associado a um composto orgânico. Essa combinação, simplesmente a mais tóxica já sintetizada pelo homem, presente na fórmula de aproximadamente 11 mil produtos

sistemas reprodutivo, nervoso e imunológico, além de ser freqüentemente associada à aparição do câncer. "Estas substâncias se disfarçam de hormônios e passam a se comportar como tal, agregando-se às células e passando informações erradas ou em tempo errado, ou ainda evitando que o DNA receba as informações adequadas", diz Jeffer Castelo Branco, da Associação dos Contaminados Profissionalmente por Organoclorados (A.C.P.O.), com sede em São Paulo.

A própria ingestão de água potável, tratada com cloro, constitui-se num meio de formação de organoclorados, já que o cloro vai se unir às substâncias orgânicas - proteínas, gorduras e carboidratos - presentes no corpo humano. Mesmo o leite materno pode estar contaminado. A exposição a esse tipo de produto durante a gravidez pode provocar óbito fetal e aborto espontâneo, diminuição do peso e tamanho ao nascimento, problemas relacionados à inteligência, como a diminuição de QI, e redução da resistência óssea. Como o sistema imunológico dos fetos ainda não está completamente formado, sua defesa contra essas substâncias tóxicas

é bastante limitada. Os organoclorados podem também interferir no funcionamento de proteínas complexas, como as enzimas e os neurotransmissores, responsáveis por fazer chegarem os comandos do cérebro às células. E os problemas não param por aí - há muito mais. Como essas substâncias não se dissolvem com facilidade, acabam permanecendo no meio ambiente por décadas. Alguns, como o cloro-fluorcarbono (CFC), sobem à estratosfera, afetando a camada de ozônio. "Muitos organoclorados, por serem muito voláteis, migram de um lado para o outro por milhares de quilômetros", diz Castelo Branco. As correntes de ar levam os compostos para leitos de rios, lagos, mares, vegetação e solo. Por isso, de refrigerantes a tubos de PVC, milhares de produtos aparentemente inocentes acabam entrando para a lista, já numerosa, dos inimigos da saúde humana.



A fórmula do monstro: Lonazepan, ainda usado na indústria química

registrados, é responsável, entre outras coisas, por disfunções nos



Protesto de trabalhadores contaminados em frente à Rhodia.

Trabalhadores X Neoliberalismo

luciano gallas

Ato na fronteira entre Brasil e Uruguai reúne operários de cinco países e simboliza um novo momento sindical

Um palco colocado exatamente sobre a fronteira, entre Santana do Livramento e Rivera. Entre Brasil e Uruguai. O sol quente das 15 horas do dia 1º de maio contrasta com o frio e a neblina da noite anterior. Aproximadamente dez mil pessoas mostram sua indignação contra o modelo econômico e político, chamado neoliberalismo, adotado pelos governos do Brasil, Argentina, Uruguai, Chile e Paraguai. Bandeiras azuis das centrais sindicais argentinas e uruguaias são agitadas. Mais as bandeiras vermelhas dos partidos de esquerda brasileiros, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), da Central Única dos Trabalhadores (CUT).

Mas o que mais impressiona são os olhos grandes e inocentes de duas



A luta de Che Guevara por uma América livre e unida foi lembrada pelos jovens

crianças. Com cataventos de papel nas mãos, elas cruzam por entre os manifestantes, sorrindo e mostrando os brinquedos. Brincando em meio às

bandeiras e faixas. Seus cabelos negros e lisos e sua pele morena não escondem a origem bugre. Um passado indígena de liberdade. Depois, de opressão e aniquilamento. Mas sempre de luta. Pela vida, pela dignidade, por sua terra. Luta que ainda se faz necessária. Luta de todos os trabalhadores.

Crianças, mulheres e homens. Um só sonho. Uma vida digna. Um trabalho não-alienante. Um esforço não brutal. A não-exploração pelo lucro. Terra para plantar. Casa para morar. Cultura, educação e saúde. Paz e fraternidade. Justiça social. Uma América Latina unida. No palco, Chico Vicente, presidente da CUT do Rio Grande do Sul. Exatamente sobre a linha de divisa dos dois países, representando a união dos dois povos. No lado brasileiro, a sindicalista Cristina, de Rivera. Do lado uruguaio, o sindicalista Canabarro, de Santana do Livramento.

GLOBALIZAÇÃO ECONÔMICA

A manifestação começou a ser organizada no ano passado. Proposta da Central Única dos Trabalhadores gaúcha. É a resposta dos trabalhadores à chamada globalização econômica. Em seu pronunciamento, o governador Olívio Dutra deixou claro o objetivo do ato. "Queremos que seja político. Queremos que seja transformador. Um Primeiro de Maio internacionalista, como é internacionalista a classe trabalhadora". O governador vai além. "A globalização propõe a integração entre objetos, entre mercadorias. Porque entende que cada um de nós, povo trabalhador do campo e da cidade, somos uma peça descartável. Uma mercadoria nas



A manifestação contou com a presença de dez mil trabalhadores

prateleiras de um enorme shopping center".

O sociólogo Fernando Cotanda concorda com Olívio Dutra. Ele lembra que a globalização, enquanto mundialização da economia, está fora de controle. "O que permite que a vontade das grandes corporações e dos grupos financeiros impere". Para o professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o sindicalismo brasileiro enfrenta uma situação difícil. "Ações empresariais contra os sindicatos e o desemprego crescente têm provocado a diminuição das taxas de sindicalização no Brasil". É que, com a crise econômica dos anos 70, a ideologia neoliberal voltou ao cenário mundial. Acompanhada da globalização econômica. Desde então, os benefícios sociais passaram a ser extintos, e os sindicatos, a serem vistos como inimigos.

NOVO RUMO SINDICAL

Cotanda diz que a solução para os sindicatos é olhar mais de perto o local de trabalho. Reivindicando maiores salários e melhores condições de trabalho. "Porque é ali que as mudanças ocorrem mais intensamente". Por

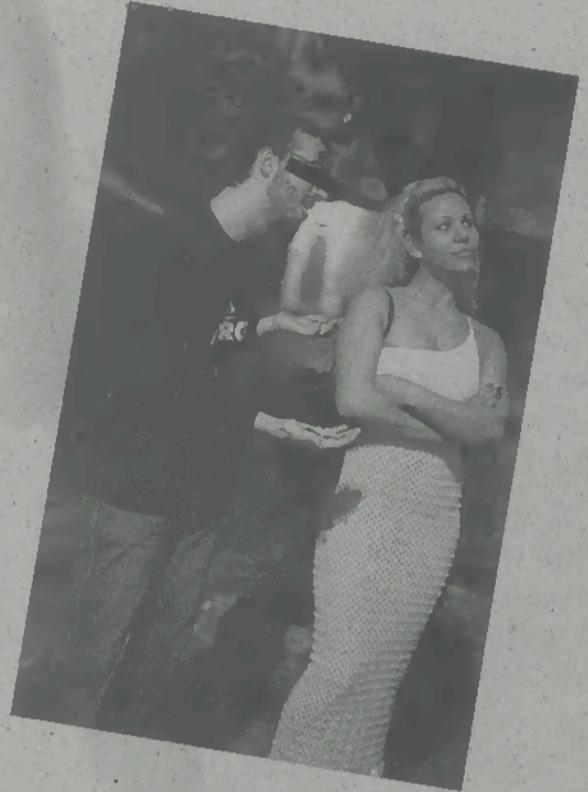
outro lado, deve-se pensar não só na categoria, mas no setor econômico como um todo no qual ela está inserida. Este já seria um passo importante em direção ao internacionalismo da classe trabalhadora. "Ou seja, pensar localmente e agir globalmente".

O sociólogo enfatiza que o internacionalismo da classe trabalhadora é consequência da globalização. "Este processo deve avançar, porque é uma questão de vida ou morte para os sindicatos". Ele lembra como exemplo desta necessidade a questão das montadoras de automóveis no Estado. "Quando se coloca uma montadora aqui, está se provocando desemprego em outro local".

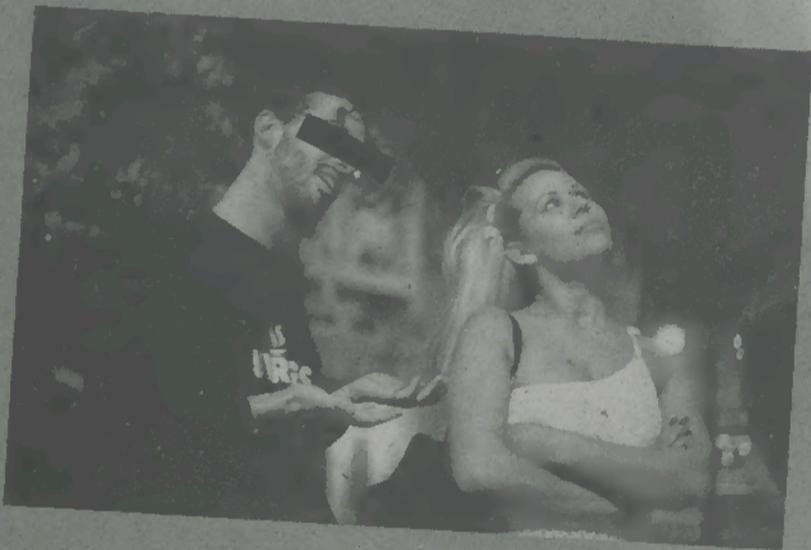
Cotanda afirma que o internacionalismo sindical ainda está longe de atingir seu ponto ideal. Mas que a manifestação realizada em Santana-Rivera é um marco simbólico muito importante. "Porque o mundo da produção, o capital, já está internacionalizado". Olívio Dutra também reforça a necessidade da luta dos trabalhadores. "A classe trabalhadora não é objeto, não é mercadoria. A classe trabalhadora é sujeito, é protagonista da história. E quer ser protagonista das mudanças".

Fotonovela verdade: **Picardias Estudantis**

maísa del frari



D.Q., 21, estudante de universitário, como todo representante da classe, estava dure. Nos dois sentidos. A solução foi abordar uma garota de programa e implorar por seus favores.



Diante da negativa, D.Q. argumenta que só tem algumas moedas e um VT. Como a moça insiste em não lhe ajudar, D.Q. apela para seu recurso final: o cartão de crédito.



E assim, ele e a garota de programa foram felizes... por meia horinha.

